



A Dissimulação Tática, Poderoso Fator de Desequilíbrio nas Operações Militares*

Gerson Menandro Garcia de Freitas

Síntese de monografia elaborada como exigência curricular para obtenção de diploma do Curso de Altos Estudos Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

"Toda a arte da guerra baseia-se na dissimulação. Portanto, quando capazes de atacar, devemos parecer incapazes. Quando ativos, devemos permanecer inativos. Quando estivermos perto, devemos fazer o inimigo acreditar que estamos longe; quando longe, que estamos perto.

Ofereça iscas para atrair o inimigo. Simule desordem e o derrote."

Com as palavras acima, proferidas há vinte e quatro séculos, o célebre tratadista chinês Sun Tzu introduziu, na história militar, o conceito genérico de dissimulação, destacando o seu papel proeminente nas operações militares.

A dissimulação tática pode ser definida como o "conjunto de medidas e ações que procuram iludir o inimigo a respeito de determinada situação e/ou planos táticos, com o propósito de induzi-lo a reagir de modo vantajoso para nossa manobra". Seus princípios são tão válidos hoje, como o foram quando os gregos colocaram o gigantesco cavalo de madeira diante dos muros de Tróia.¹

Após Sun Tzu, consagrados pensadores militares exaltaram a importância da dissimulação. A Teoria do Desvio, do mestre

chinês, serviu de inspiração, no século XIX, ao prussiano Clausewitz e ao francês Jomini. No presente século, deu origem às teorias da *Aproximação Indireta*, do inglês Liddell Hart, e da *Estratégia Indireta*, do francês André Beaufre, dentre outros.

Líderes militares também notabilizaram-se no emprego da dissimulação. No século XIX, citam-se, dentre outros, o francês Napoleão Bonaparte, em Ulm e Austerlitz, o norte-americano Grant, em Vicksburg, e o brasileiro Caxias, em Humaitá e no Piquiciri. Neste século, o alemão Rommel, nas 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o chinês Mao Tsé-tung, na guerra de guerrilhas contra Chiang Kai-shek, e o israelense Moshe Dayan, na Guerra dos Seis Dias, em 1967, destacaram-se na arte de dissimular suas reais intenções.

Dos três grupos étnicos formadores da

* Selecionado pelo PADECEME.

1. O episódio ocorreu em 1200 a.C. O ardil empregado pelos gregos, fingiram retirar-se, surtiu efeito desejado: os troianos, curiosos, introduziram o cavalo na cidade. No decorrer da noite, os melhores guerreiros helênicos, que estavam encerrados no colosso de madeira, saíram do mesmo, abriram os portões da cidade a seus camaradas e conquistaram Tróia.

nacionalidade brasileira, extraem-se, dentre outras, as seguintes características básicas: sagacidade — capacidade de improvisação e senso de orientação do índio; mobilidade — espírito aventureiro e visão geopolítica do branco; e adaptabilidade — rusticidade e aguçada intuição do negro.

Do amálgama dessas etnias surgiu o brasileiro, cujos traços evidenciam, portanto, de forma inequívoca, sua vocação inata para as atividades de dissimulação.

Com efeito, os estudos da história militar do Brasil revelam inúmeras páginas de genialidade através da aplicação da dissimulação ainda que, por vezes, de forma empírica.

O Exército Brasileiro tem procurado manter-se atualizado com a dinâmica evolução da arte da guerra, em consonância com as palavras de um de seus mais ilustres vultos do presente século, o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco: "Uma tropa é derrotada quando seus chefes, em todos os escalões, estão desbordados por sua época, pelo espírito do tempo".

A inexistência, em nosso Exército, de publicações específicas sobre o assunto, o inegável potencial criativo dos quadros da Instituição e a consciência de sua atualidade e importância, servem de inspiração e estímulo à redação deste artigo.

OS FUNDAMENTOS DA DISSIMULAÇÃO

O objetivo e o alvo da dissimulação

O objetivo da dissimulação é o resultado desejado, em termos de "o que o inimigo

deverá fazer ou não, no momento e/ou local desejado".

As atividades de dissimulação orientam-se para um *alvo*, que é o comandante inimigo que detém a autoridade para adotar a decisão que nos permitirá atingir o objetivo de dissimulação.

O exemplo apresentado a seguir auxilia a estabelecer a distinção e o inter-relacionamento entre os dois conceitos, e denota o vulto que assumem as atividades.

Se o *objetivo* da dissimulação é atrair a reserva das forças inimigas para uma determinada região, o *alvo* da dissimulação não será o comandante dessa tropa em reserva, mas o comandante da força que controla o seu emprego no campo-de-batalha.

A estória de dissimulação

A estória de dissimulação é a falsa informação entregue ao inimigo, contendo uma intenção ou possibilidades perfeitamente críveis, a fim de conduzi-lo a uma avaliação incorreta.

Um valioso auxílio à credibilidade de uma estória e à operação de dissimulação, como um todo, é a guerra psicológica.

Vejamos um exemplo histórico desse auxílio: Gengis Khan, chefe dos mongóis e tártaros no século XIII, e, talvez, o maior conquistador da história da humanidade, utilizou-se tão eficazmente da Guerra Psicológica, que os seus resultados ainda perduram.² Algumas técnicas empregadas:

- utilizar os boatos, deliberadamente, para difundir informes sobre a intrepidez, a ferocidade e o efetivo de seus exércitos,

2. Pesquisas recentes evidenciam que os escassamente povoados campos da Ásia Interior não poderiam ter gerado efetivos suficientemente grandes para subjugar as áreas tão populosas da vasta periferia mongol.

descritos como "hordas de incontáveis cavaleiros";

- infiltrar agentes no meio das populações inimigas e atemorizá-las, induzindo-as à rendição;
- capturar espiões inimigos e impressioná-los com demonstrações de valentia e agressividade, aproveitando para deixar falsos planos serem furtados, antes de liberá-los.

O papel desempenhado pelas informações de combate

A decisão de empregar a dissimulação, a estória selecionada, as ações e os meios para projetá-la, são baseadas no conhecimento que se tem do inimigo, fornecido pelo sistema de informações.

Esse sistema, ao início das operações, deverá estar ciente dos seguintes aspectos:

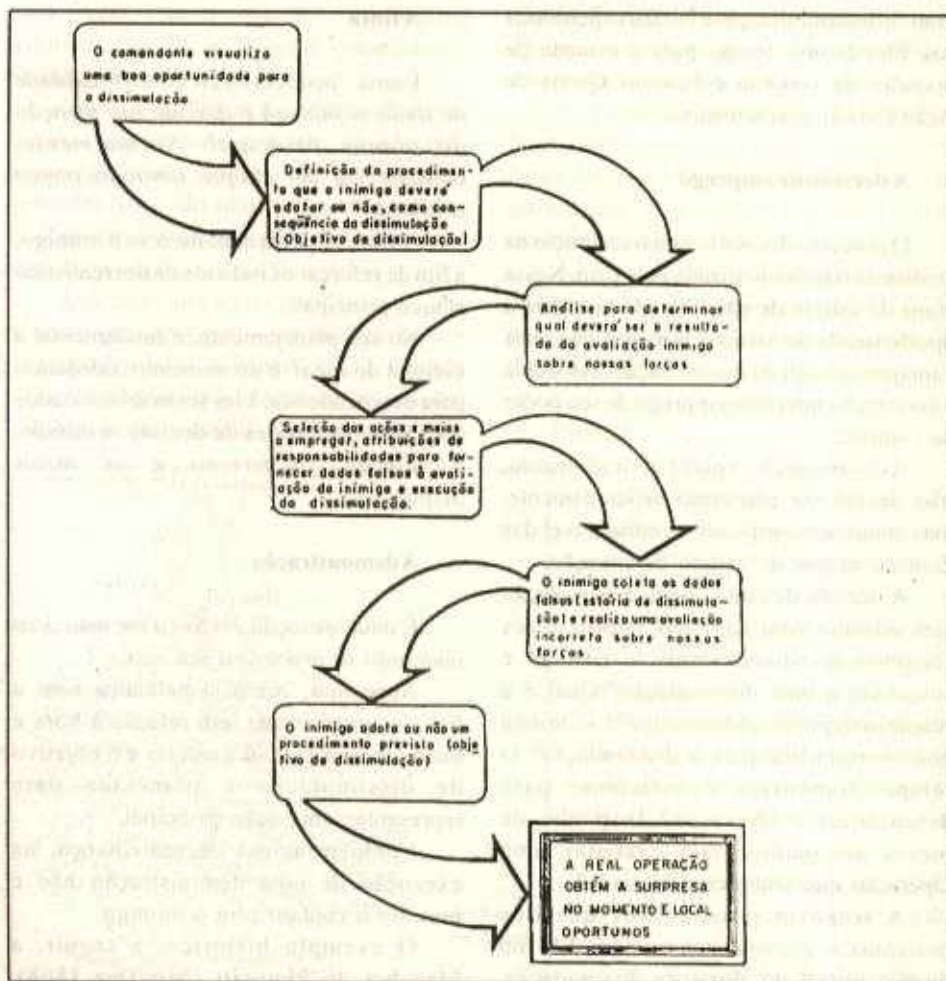


Figura 1 - Fluxo global da dissimulação

características, possibilidades e forma de emprego dos órgãos de busca do inimigo; funcionamento do ciclo de produção de informações do inimigo; processo de recebimento de informes e informações, pelo alvo de dissimulação; provável conhecimento da nossa situação, pelo inimigo, no momento em que desencadeamos as atividades de dissimulação; mais provável reação do inimigo às atividades de dissimulação; e características do Cmt oponente, tais como: grau de descentralização e iniciativa permitida aos Elm Subrd, tempo para a tomada de decisões de conduta e Normas Gerais de Ação (NGA) operacionais.

A decisão de emprego

O processo decisório tem o seu início na análise da missão, realizada pelo Cmt. Nessa etapa do estudo de situação, ele visualiza a oportunidade de assumir uma posição mais vantajosa através da dissimulação, associada à concepção inicial de emprego de seu poder de combate.

A dissimulação, a partir deste momento, não deverá ser planejada separadamente, mas como um componente indissolúvel das diversas etapas do estudo de situação.

A decisão de emprego da dissimulação será adotada com base nas respostas aos seguintes questionamentos: o inimigo é suscetível a uma dissimulação? Qual é a reação mais provável do inimigo? Existe uma boa oportunidade para a dissimulação? O tempo disponível é suficiente para desencadear a Operação? Disponho de meios adequados para executar uma Operação que tenha credibilidade?

A resposta positiva aos quesitos posiciona o comandante e o seu EM no quadro inicial do fluxo da dissimulação, apresentado na figura 1.

Tipos de ações

Quando uma força participa diretamente das atividades, seu comandante atribui missões específicas a seus elementos subordinados.

As missões são chamadas de *ações de dissimulação*, podendo ser agrupadas em quatro tipos: *finta, demonstração, arдил e outras ações*.

A finta

É uma "ação em força, com a finalidade de iludir o inimigo e desviar sua atenção do ataque principal. Normalmente, consiste em um ataque limitado pouco profundo".

A finta impõe o contato com o inimigo, a fim de reforçar os indícios de um realístico ataque principal.

No seu planejamento, é fundamental a escolha do *local* e do *momento adequado* para desencadear a finta. Eles serão selecionados com base nos fatores de decisão: a *missão*, o *inimigo*, o *terreno* e os *meios disponíveis*.

A demonstração

É uma operação em força em uma área onde não se procura a decisão.

Apresenta, como semelhança com a finta, ser programada, em relação à hora e local, de acordo com a história e o objetivo de dissimulação e planejada para representar uma ação principal.

Como principal dessemelhança, na execução de uma demonstração não é previsto o contato com o inimigo.

O exemplo histórico, a seguir, a Manobra do Piquiciri (Nov/Dez 1868), permite caracterizar as ações apresentadas.

Caxias assumiu o comando-em-chefe do Exército Brasileiro e, em seguida, das forças da Tríplice Aliança em momento crítico da campanha.

A campanha, iniciada com alguns êxitos, arrefecera, margara o desastre de Curupaiti, esbarrara no impasse de Humaitá e carecia, no momento, de manobra e mobilidade. A ociosidade e a estagnação exerciam efeitos maléficos sobre as forças.

Após uma profunda reorganização de suas forças, Caxias concebeu e conduziu a vitoriosa marcha de flanco e conquistou a fortaleza de Humaitá.

Aberta a via fluvial, Esquadra e Exército deslocaram-se para o norte. O objetivo estratégico era Assunção; o tático, as restantes forças do adversário, estacionadas no Piquiciri, flancos apoiados no Rio Paraguai e na Lagoa Ipoá.

A decisão de Caxias previa:

- ação principal por oeste, realizando um desdobramento (número 2). O Grande Capitão, mais uma vez, preferiu às ações diretas a mais difícil das indiretas: pelo

flanco oeste, através do Chaco, tido por invadeável.

- Uma ação secundária ao centro, através de uma *finta*, empregando o Destacamento Palmas em toda a frente, para fixar o inimigo, iludindo-o quanto à localização da ação principal.
- Uma *demonstração* mais ao norte, nos arredores de Assunção, onde Caxias mandou que alguns navios fundeassem, a fim de iludir os oponentes quanto ao real local de desembarque — Santo Antônio (números 3 e 4 da figura) — e fixar as forças adversárias naquela área.

A execução da manobra foi perfeita. Seus efeitos ensejaram ataques decisivos e finais: Itororô, Avaí e Lomas Valentinas, que golpearam os oponentes pelas costas, destruindo seu exército.

As ações de dissimulação muito contribuíram para a obtenção da surpresa e para o desequilíbrio do dispositivo paraguaio.

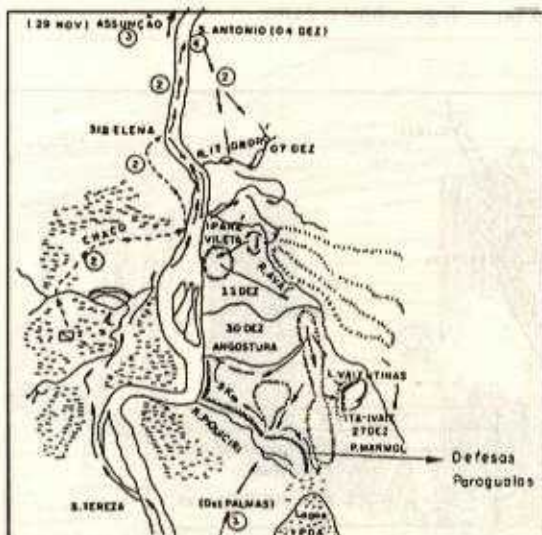
O ardil

É um estratagema empregado em situação de combate, a fim de iludir o inimigo. Pode constituir-se de uma ou mais ações, planejadas ou improvisadas. As falsas informações são, deliberadamente, fornecidas ao inimigo.

Seu emprego é muito vasto, variando de simples artimanhas utilizadas por soldados, até ações estratégicas empreendidas por países.

A 1ª Batalha de Guararapes (abril de 1648) é um exemplo histórico do emprego do ardil.

Ao clarear do dia dezoito, o exército holandês iniciou a sua marcha



Esboço A — A manobra do Piquiciri

na direção Olinda-Afogados-Barreta-Guararapes, com 6300 homens.

Ao atingir Afogados, executou uma finta, tentando demonstrar que sua intenção era um ataque decisivo ao Arraial Novo, para aí fixar os patriotas.

Antonio Dias Cardoso, enviado para esclarecer a situação, descobriu o verdadeiro propósito holandês.

Em conselho de guerra, os lusobrasileiros decidiram: iniciar o retardamento do inimigo a partir da região de Barreta; travar o combate o mais distante possível do Recife; e defender o Arraial Novo contra a finta.

Em cumprimento à decisão, o exército patriota, composto de 2200 homens, iniciou o seu deslocamento para o local selecionado para o combate decisivo: o Boqueirão dos Guararapes.

Na manhã do dia dezanove, no momento em que os holandeses se aproximavam do Boqueirão, passagem estreita, mas longa, entre os montes e os alagados em sua base, saiu-lhes ao encontro Dias Cardoso, no comando de 200 homens.

Dias Cardoso, profundo conhecedor do

terreno, decidiu adotar um dispositivo que o auxiliasse a projetar uma força com poder de combate muitas vezes superior ao real. Todo o restante do exército permaneceu escondido.

O artilheiro foi bem-sucedido. Os holandeses desenvolveram-se no terreno e, com imprudência e entusiasmo, lançaram-se na direção de Dias Cardoso, único inimigo que esperavam encontrar. Este retraiu pelo interior do Boqueirão, buscando envolver, através dos alagados e montes, a vanguarda holandesa.

No momento em que o invasor progredia nos alagados e, em grande número, no interior do Boqueirão, com drástica redução de frente, teve enorme surpresa: haviam sido atraídos para uma grande emboscada.

Aproveitando-se da surpresa, os patriotas atacaram resolutamente e derrotaram os holandeses, impondo-lhes a retirada e perdas de 1038 homens.

A judiciosa utilização do terreno, aliada à correta aplicação da dissimulação, foram os fatores preponderantes para uma tropa, com inferioridade numérica e de armas de fogo, obter o êxito.



Esboço B—A 1ª Batalha de Guararapes

Outras ações

Sob este título podem ser incluídos a incursão, a simulação e o disfarce.

A *incursão* é uma ação ofensiva, normalmente de pequena escala, compreendendo uma rápida penetração em área sob o controle inimigo, a fim de obter informações, confundi-lo ou destruir suas instalações, terminando com um retraimento planejado, após o cumprimento da missão.

A *simulação* é uma projeção, para os órgãos de busca do inimigo, de objetos, sistemas de tropas que não existem ou, se existentes, de tipo e/ou natureza diferentes da realidade.

O *disfarce* é a alteração de um objeto, de modo a torná-lo semelhante a outro. É particularmente aplicável quando aquele objeto for de difícil camuflagem ou ocultação.

Um exemplo histórico de simulação é apresentado a seguir.

Em setembro de 1944, o 43º Regimento de Cavalaria de Reconhecimento ocupou uma frente de trinta e sete quilômetros no

teatro-de-operações europeu, durante a 2ª Guerra Mundial.

O Regimento pertencia ao XX Corpo, Grande Comando do exército norte-americano, e estava reforçado com elementos de carros-de-combate.

Essa unidade simulou uma divisão blindada por várias semanas, e foi tão bem-sucedida no cumprimento de sua missão, que a Carta de Situação alemã, que continha a Ordem de Batalha norte-americana, representava a 14ª Divisão Blindada atuando na área.

Naquela época, todavia, a 14ª Divisão Blindada não estava na Europa.

Na figura 2, temos um bom exemplo de disfarce de um reservatório de combustível.

Para implementar todas as atividades, é essencial que sejam acionados os instrumentos adequados, ou seja, os intitulados *meios de dissimulação*, apresentados a seguir.

Os meios empregados

No campo-de-batalha, os informes são captados pelos órgãos dos sentidos, potencializados pelos meios de detecção e vigilância.

Os meios de dissimulação, portanto, são classificados como *visuais, auditivos, olfativos e eletrônicos*.

Para obter maior eficácia, o seu emprego deve ser integrado, pois o que o inimigo intercepta e localiza eletronicamente, deve ser coerente com o que ele vê, ouve e com o

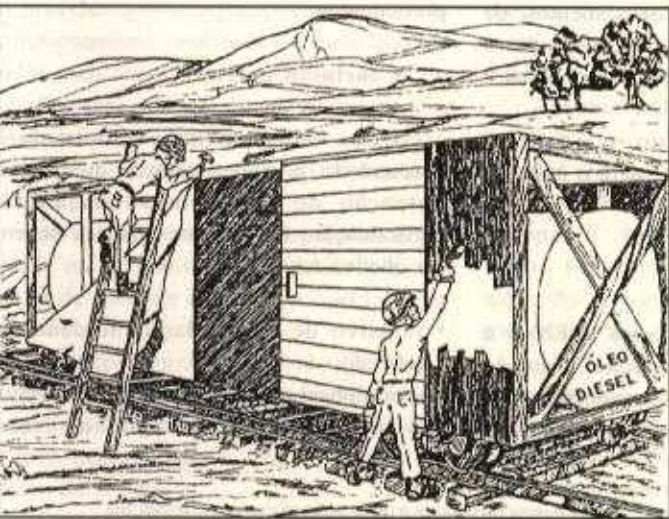
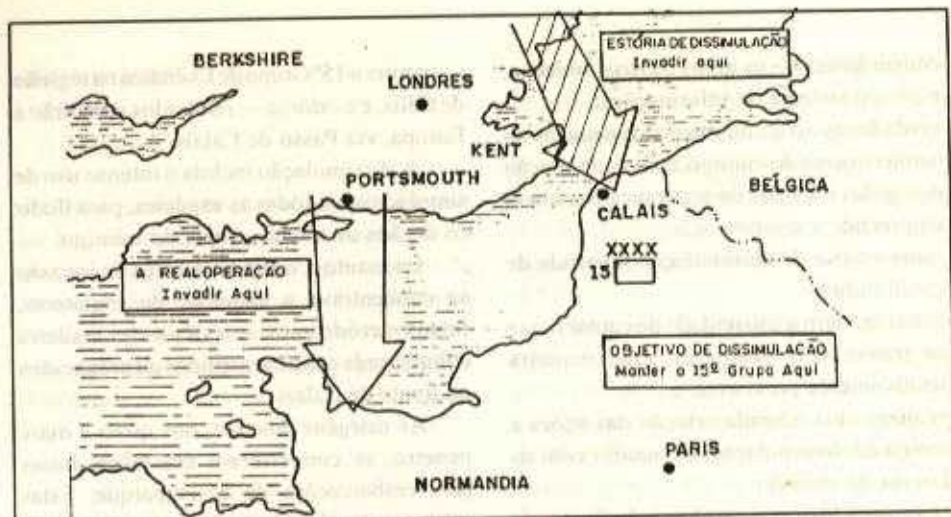


Figura 2 - Disfarce de um reservatório de combustível



Esboço C — Emprego de dissimulação. Operação Fortitude

Desta forma, os grandes-comandos da falsa força de assalto foram simulados por falsas redes-rádio. Todas as principais redes de comunicações foram transferidas do real quartel-general (QG) dos aliados, em Portsmouth, para o falso QG, em Kent.

A dissimulação foi tão bem sucedida que, quando a maior força de invasão da história desembarcou na Europa, os alemães ainda acreditavam que era somente uma ação diversionária. Coerentes com essa convicção, mantiveram a maioria de suas reservas, por mais seis semanas, a trezentos e trinta quilômetros do local da invasão, esperando pela ação principal, que ainda estaria para ser desencadeada.

Essa era exatamente a reação desejada pelo alto-comando aliado, pois a inação das reservas germânicas facilitou sobremaneira a progressão na Normandia.

A dissimulação contribuiu decisivamente para o êxito da operação.

OPLANEJAMENTO

A tarefa de converter uma visualização

de fundamentos, ações e meios em um planejamento ordenado, é de suma importância. Dela resultarão as diretrizes específicas para cada elemento envolvido na operação.

Merecem destaque os seguintes aspectos relativos ao planejamento:

- seu início deve ocorrer com a expedição da diretriz de planejamento, ao final da análise da missão, realizada pelo comandante da operação em proveito da qual planejar-se-á a dissimulação;

- deve ser simultâneo e cerradamente coordenado com o planejamento da operação abrangente;

- dentre os fatores que interferem no planejamento, assume maior relevância o tempo. Sua disponibilidade e a oportunidade para o desencadeamento das ações, para ambos os contendores, é um aspecto crítico para o êxito das operações.

Com os principais fundamentos já definidos, o EM inicia a elaboração do *Plano de Dissimulação*, documento que consubstancia o planejamento realizado. Suas diversas etapas de preparação podem

ser cumpridas através das respostas às seguintes perguntas, apresentadas em uma seqüência lógica de raciocínio:

- Qual deve ser a composição de meios de nossas tropas? (vale dizer: a falsa ordem de batalha)?
- Que esquemas padronizados, seqüência de atividades ou NGA operacionais devem ser adotadas?
- Qual(ais) a(s) ação(ões) de dissimulação mais adequada(s) à operação?
- Que elementos executarão as ações?
- Que atividades da real operação não podem ser reveladas ao inimigo?
- Qual deve ser a situação tática ao final da dissimulação?
- Que elementos devem ser científicos do plano?

O Plano de Dissimulação é, normalmente, distribuído em anexo a um Plano ou Ordem de Operações.

Com este trabalho, são apresentados, ao final, extratos de um Plano de Dissimulação, referentes à hipotética execução de um ataque coordenado por uma divisão-de-exército, contendo os seus apêndices mais tradicionais: a *Falsa Ordem de Batalha*, o *Quadro de Eventos* e o *Calco de Dissimulação*.

OEMPREGO

A criatividade dos planejadores e a guerra eletrônica potencializam quase ao infinito as possibilidades de conferir credibilidade a uma idéia, o "fazer crer".

Nesse contexto, a dissimulação pode ser aplicada em praticamente todos os tipos de operações, atividades ou instalações; no trabalho que deu origem a este artigo, para uma melhor caracterização, são descritas mais de cem idéias e técnicas para o seu emprego.

O exemplo histórico narrado a seguir

traduz a atualidade e a importância do emprego da dissimulação.

Embora o registro histórico definitivo da recente Guerra do Golfo ainda não tenha sido estabelecido, algumas evidências atestam que a dissimulação foi eficazmente empregada pelos contendores.

Emprego pelas forças iraquianas

Conforme admitiu o comando da Força Multinacional, foram empregados, pelos iraquianos:

— Proteção dos blindados contra os ataques aéreos.

A análise das fotos de avaliação de danos de bombardeios concluiu que pilotos foram iludidos pelos seguintes artifícios:

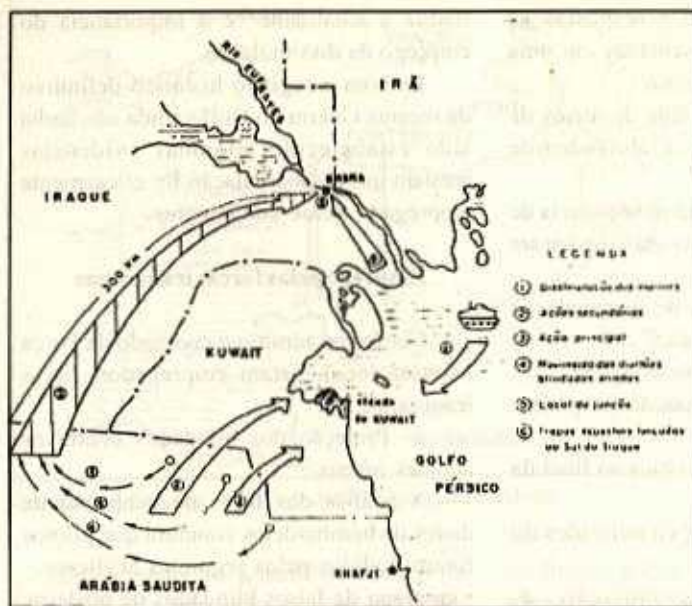
- emprego de falsos blindados de madeira, cobertos com folhas de estanho, de maneira a afetar o radar das aeronaves;
- ao perceber o ataque de um grupo de aviões, as tripulações ateavam fogo em latas com petróleo, colocadas sobre os próprios blindados. As nuvens de fumaça da queima do óleo levavam os pilotos a acreditar que tinham acertado seus alvos.

— Simulação de instalações ou objetos, construídos à base de materiais descartáveis ou simulacros, tais como: viaturas blindadas; postos de suprimento; material de artilharia de campanha e antiaérea; rampas de lançamento de vetores, que atraíram mísseis de elevado custo, disparados pela Força Multinacional.

Emprego pela força multinacional

De acordo com as declarações de seu Cmt, General norte-americano Norman Schwarzkopf, em relação à ofensiva terrestre na Guerra do Golfo (1991):

A operação concebida previa,



Esboço D—
Ofensiva terrestre
na Guerra do Golfo,
visualização das
operações dos
Aliados.

inicialmente, o cerco das principais forças iraquianas. A ação principal do cerco seria um envolvimento dessas forças pelo norte, através do território iraquiano, realizando a junção com tropas aliadas lançadas pelo sul, na região de Basra.

O objetivo de dissimulação dos aliados era atrair parcela considerável do poder de combate iraquiano para a região do Kuwait ocupado, desviando forças que guarneciam o território do Iraque.

A estória de dissimulação projetava a ação principal terrestre ao sul e sudoeste do Kuwait, coordenada com um maciço desembarque anfíbio na costa leste do Kuwait.

Para projetar a estória, foram acionadas, dentre outras, as seguintes ações e meios de dissimulação:

- execução de inúmeras incursões, através da fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita;
- intensificação dos reconhecimento terrestres e aéreos ao longo da fronteira com o Kuwait, a partir da Arábia Saudita;

- concentração ostensiva e fornecimento de inúmeros indícios de emprego iminente de uma força anfíbia, constituída de mais de 18.000 fuzileiros navais — os *marines*, no litoral leste do Kuwait;
- concentração de meios de apoio ao combate e de apoio administrativo junto à fronteira com o Kuwait; e
- intenso uso da DEIt que, associada à interferência, ocasionaram um sensível desequilíbrio na conduta das operações.

Para assegurar maior credibilidade à estória, a guerra psicológica e as atividades de contra-informação foram largamente utilizadas, procurando enfatizar que as ações aliadas se restringiriam ao território do Kuwait ocupado, pois a maioria dos países componentes da Força Multinacional não concordava em invadir o Iraque.

Paralelamente às atividades de dissimulação, foram executados os reconhecimento e preparativos para a real operação. As rigorosas medidas de

segurança adotadas e os sofisticados meios empregados, dentre outros fatores, permitiram que o sigilo fosse mantido.

No período de 20 a 23 de fevereiro, os iraquianos deslocaram uma expressiva parcela de suas forças para o leste, posicionando-as ao longo da fronteira de seu território com o Kuwait.

A dissimulação surtira o efeito desejado. Os aliados rapidamente aproveitaram a vantagem da surpresa alcançada, empregando várias divisões blindadas pelo norte, na noite de 23 de fevereiro.

No primeiro dia de combate, os aliados lograram penetrar 75 km no território iraquiano. Ao final das primeiras 100 horas, a junção havia sido estabelecida em Basra, a mais de 300 km do local da invasão.

O episódio narrado ocorreu, vale lembrar, em um cenário com características típicas dos combates modernos, com a aplicação de técnicas e táticas até então não testadas no campo de batalha, e emprego, em larga escala, de tecnologia de ponta em apoio às operações militares.

O emprego da dissimulação, uma vez mais, foi decisivo para a obtenção da vitória final.

A DISSIMULAÇÃO NO ENSINO PROFISSIONAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

A dissimulação, consoante o que foi exposto, pode desequilibrar o poder de combate em favor de um dos contendores.

Esta assertiva fortalece a convicção de que o Exército Brasileiro deve atribuir ênfase ao seu estudo e aplicação.

A partir de minucioso levantamento do que é ministrado e praticado a respeito do assunto, será apresentada uma síntese das propostas formuladas para implementar e/ou

- dinamizar o tema na Força Terrestre.

a. A instrução nos corpos de tropa

Os objetivos da instrução de dissimulação são:

- executar corretamente, em todos os escalões, os procedimentos relacionados com a dissimulação, tais como: camuflagem, disciplina de movimento e medidas de segurança em todas as operações;
- adestrar todos os escalões no cumprimento de ações de dissimulação;
- desenvolver a capacidade de detectar o emprego da dissimulação por parte do oponente; e
- desenvolver a capacidade de visualizar a oportunidade, selecionar, planejar e executar eficazmente uma dissimulação em apoio a uma operação tática.

No período de instrução individual, todos os militares devem ser conscientizados de que são responsáveis por suas próprias medidas de dissimulação, com ênfase na instrução tática individual. As habilidades adquiridas, particularmente no campo psicomotor, serão as desejáveis para que os mesmos participem de uma operação de dissimulação. O assunto deve ser também incluído no Programa de Instrução de Quadros da Unidade.

No período de adestramento, o princípio fundamental do adestramento — *otreinamento pela imitação do combate* —, confere pleno respaldo à prática das atividades de dissimulação nos exercícios táticos.

As seguintes proposições orientam o adestramento sobre dissimulação: integrar as atividades de dissimulação com os exercícios de campanha (ExcCmp) das U e GU; atribuir ênfase ao assunto, na Instrução Preliminar dos ExcCamp; incluir um sistema

de avaliação da eficácia da dissimulação.

O Ensino nas escolas militares

A dissimulação é estudada apenas superficialmente. Sua implantação, com maior vigor, deve processar-se através de um sistema modular. Esse sistema, de forma progressiva e metodológica, aprofunda o estudo do assunto.

SÍNTESE

Este artigo destacou, inicialmente, a universalidade e a atualidade da concepção e do valor da dissimulação, registrados pela primeira vez por Sun Tzu, e ratificados por inúmeros outros líderes e tratadistas militares, no decorrer desses vinte e quatro séculos de guerra.

A inserção de casos históricos, ao longo da narrativa, teve como escopo a constatação dessa imutabilidade da dissimulação como fundamento da arte militar, além de permitir uma melhor caracterização das idéias apresentadas.

A aplicação dos princípios da dissimulação, de maneira empírica, por insígnis chefes militares brasileiros, nada

teve de cópia de doutrinas ou experiências estrangeiras; antes disso, foi uma maneira autóctone de resolver as complexas situações que a guerra apresenta.

As batalhas travadas na Insurreição Pernambucana, marco da formação da nacionalidade brasileira, e verdadeira gênese do Exército Brasileiro, bem como aquelas conduzidas por Caxias na Guerra da Tríplice Aliança, dentre outros exemplos, constituem prova irrefutável da potencialidade do homem brasileiro com relação à aplicação da dissimulação.

Fica evidenciada, portanto, a importância da dissimulação para o Exército Brasileiro, dentre outros fatores, pelo potencial dos recursos humanos de que dispõe, pela capacidade advinda da criação do CIGE, e pela possibilidade de economizar forças e de reverter uma situação desvantajosa, utilizando um poderoso elemento multiplicador do poder de combate.

Deduz-se, finalmente, que, além dos conhecimentos da área cognitiva aqui propostos, urge que se adote uma atitude receptiva ao debate das novas idéias expostas e a criação de uma mentalidade favorável ao desenvolvimento da doutrina neste campo do conhecimento militar.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Ten Cel Roberto. *Operações contra forças irregulares em ambiente rural. Observações e comentários*. Rio de Janeiro, 1990.
- BENTO, Cel Cláudio Moreira. *Aplicações do Princípio da Surpresa na História Militar do Brasil. Observações e Comentários*. Resende, 1990 e *Batalhas dos Guararapes*. Recife, UFPE, 1971, 2v.
- BRAGA, Teodomiro. *Iraque tem superbases subterrâneas*. O Globo. Rio de Janeiro, 14 fev. 1991. O Mundo/Guerra no Golfo, p.19.
- BRASIL. Ministério do Exército. Comando Militar

- do Leste. 1ª Divisão de Exército, 9ª Brigada de Infantaria Motorizada (Escola). 57ª Batalhão de Infantaria Motorizada (Escola). — Regimento Escola de Infantaria (REsI). Histórico da Unidade — A participação no FAIBRAS. Rio de Janeiro, 1966.
- Ministério do Exército. Departamento de Ensino e Pesquisa. Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento. Plano de matérias (PLAMA) — Curso de Formação de Sargentos de Infantaria da Escola de Sargentos das Armas (EsSA). Três Corações, 1991.

- Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos de Infantaria (CAS/Inf). Três Corações, 1991.
- Curso de Infantaria do Centro de Preparação de Oficiais de reserva (CPOR). Rio de Janeiro, 1991.
- Curso Básico (CBas) da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Resende, 1991.
- Curso Avançado (CAvcd) da AMAN. Resende, 1991.
- Curso de Infantaria (CInf) da AMAN. Resende, 1991.
- Curso de Infantaria da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). Rio de Janeiro, 1991.
- Curso de Comando e Estado-Maior (CEEM) da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Rio de Janeiro, 1991.
- Ministério do Exército. Estado-Maior do Exército. CI21-5/2 - *Como preparar e orientar a instrução militar na tropa (2ª parte - adestramento)*. Brasília, 1980.
- C 21-30 - *Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas*. 2ª Ed. Brasília, 1973.
- História do Exército Brasileiro. Perfil militar de um povo*. Brasília, 1972. 3v.
- PPB/1 - *Planejamento, execução e controle da instrução militar*. Brasília, 1981.
- PPB/2 - *A preparação do combatente básico*. 2ª ed. Brasília, 1985.
- PPQ-07/2 - *Formação de Cabo de Infantaria*. Brasília, 1979.
- PPQ-07/3 - *Formação de Sargento Temporário de Infantaria*. Brasília, 1986.
- PPA-ART/1 - *Adestramento Básico nas Unidades de Artilharia-GAC*. Brasília, 1982.
- PPE-02/3 - *Estágio de Habilitação a Capitão (EHC)*. Brasília, 1986.
- CARDOSO, Ten Cel Alberto Mendes. *Os Treze Momentos*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1987. 158p.
- CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil contemporâneo*. 1922/1938. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1989. 125p.
- CARTIER, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Primor, 1975. 2v.
- CHALLITA, Mansour. *Saddam e Calila e Dimma*. O Globo, Rio de Janeiro, 08Fev. 1991. 1ª Caderno, p.2.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. 1ª ed. Brasília, Martins Fontes, 1979. 787p.
- CONRADO. 1º Ten Pedro Wood. *A Batalha de Pirajó: ponto de inflexão nas lutas pela independência da Bahia*. Revista "A Defesa Nacional", Rio de Janeiro, (744): 44-63, Jul/Ago. 1989.
- DAMACENO, Cel Filadelfo Reis. *Caxias e as operações psicológicas*. Revista "A Defesa Nacional", Rio de Janeiro, (732): 7-29, Jul/Ago. 1987.
- ECEME, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. C31-60- (Anteprojeto) - *Operações de Transposição de Curso de Água*. Rio de Janeiro, 1985.
- C57-35 (Anteprojeto) - *Operações Aeromóveis*. Rio de Janeiro, 1981.
- C100-5 (Anteprojeto) - *Operações*. Rio de Janeiro, 1985.
- C100-10 (Anteprojeto) - *Apoio Administrativo*. Rio de Janeiro, 1986.
- C101-5 (Anteprojeto) - *Estado-Maior e Ordens*. Rio de Janeiro, 1987. 2v.
- ME 1-20- (Anteprojeto) - *O Batalhão de Helicópteros*. Rio de Janeiro, 1990.
- ME 11-61- (Anteprojeto) - *Comunicações e Eletrônica da Divisão de Exército*. Rio de Janeiro, 1989.
- ME 21-253- *Monografia e estudos de estado-maior*. Rio de Janeiro, 1989.
- ME 135-1- (Anteprojeto) - *Guerra Eletrônica*. Rio de Janeiro, 1987.
- ME 320-5- *Vocabulário da ECEME*. Rio de Janeiro, 1986.
- EDITORA ABRIL. *História Geral*. In: _____ Almanaque Abril- 1988. São Paulo, 1988. p.487-552.
- EXÉRCITO DO EUA. *Ação das pequenas unidades alemãs na campanha da Rússia*. Tradução de Celso dos Santos Meyer. 2ª ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1987. 289p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. 1838p.
- FIGUEIREDO, Gen Ex Diogo de Oliveira. *A visão estratégica de Caxias*. Revista "A Defesa Nacional", Rio de Janeiro, (727): 140-46, Set/Out. 1986.
- FIGUEIREDO, Osório Santana. *São Gabriel cidade — O combate do Cerro do Ouro*. In: _____ São Gabriel desde o princípio. 2ª ed. Rio Grande do Sul, Pallotti, 1980. cap. VII. p. 118-21.
- FREITAS, Gerson Menandro Garcia de. *Relatório de Curso no Exterior - Fort Benning - EUA*. Rio de Janeiro, 1989. 128p.
- _____. *Nota Complementar - Idéias sobre a dissimulação idílica no escalão unidade*. Curso de Infantaria da EsAO. Rio de Janeiro, 1988. 8p.

- JANSEN, Cel Carlos Eduardo. *Operações de dissimulação. Observações e comentários.* Rio de Janeiro, 1990.
- JOMINI, Antoine Henri. *A arte da guerra.* 1ª ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1949. 151p.
- JORNAL O GLOBO. *O Mundo/Guerra no Golfo. As novas armadilhas para os aviões.* Rio de Janeiro, 17 de Fev. 1991. p.20.
- _____. *Americanos usam ardil para enganar os iraquianos.* Rio de Janeiro, 27 Fev. 1991. p.20.
- _____. *A cronologia da crise no Golfo.* Rio de Janeiro, 28 Fev. 1991. p.2.
- LIDDELL HART, Basil Henry. *Estratégia.* 1ª ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1966. 508p.
- LINEBERGER, Paul M.A. *Guerra Psicológica.* 1ª ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1959. 541p.
- OLIVEIRA, Cel Humberto José Corrêa de. *Uma visão panorâmica da CME nas operações terrestres.* Revista "A Defesa Nacional", Rio de Janeiro, (742): 142-64, Mar./Abr. 1989.
- _____. *IECom—suas origens e a batalha eletrônica.* Revista "A Defesa Nacional", Rio de Janeiro, (744): 117-33, Jul/Ago. 1989.
- _____. *Reflexões—Guerra Eletrônica e C3I.* Revista "A Defesa Nacional", Rio de Janeiro, (746): 117-42, Nov./Dez. 1989.
- RIBEIRO, Maj Jayme. *Reflexões sobre a guerra moderna.* 1ª ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1946. 173p.
- ROMMEL, Mar Erwin. *Attacks.* 1ª ed. Vienna, Virginia - USA, Athena Press, 1979. 325p.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Saddam e o livro das astúcias.* O Globo. Rio de Janeiro, 24 Fev 1991. 1ª Caderno. p.2.
- SANTA ROSA, Cel Maynard Marques de. *O pensamento militar de Clausewitz. Observações e comentários.* Rio de Janeiro, 1990.
- SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. *Grande Atlas Mundial.* 1ª ed. Porto - Portugal, Lisgráfica, 1978. 200p.
- SUVOROV, Viktor. *O exército soviético por dentro.* 1ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1982. 183p.
- TÁVORA, Mar Juarez. *Umavida e muitas lutas.* 1ª ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1974. 3v.
- TESSLER, Eduardo. *Imitações enganam caças aliados.* O Globo. Rio de Janeiro, 13 Fev 1991. O Mundo/Guerra no Golfo. p.20.
- TZU, Sun. *A arte da guerra.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1983. 114p.
- USA. Department of the Army. *FM 34-1-Intelligence and Electronic Warfare Operations.* Washington, DC, 1986.
- _____. *FM 90-2-Tactical Deception.* Washington, DC, 1978.
- _____. *FM 100-5-Operations.* Washington, DC, 1986.
- _____. *IAG- 13-1-78 - Soviet Army Operations.* Washington, DC, 1978



Tenente-Coronel de Infantaria, GERSON MENANDRO GARCIA DE FREITAS é daturma de 1975 da AMAN. Possui os cursos Básico Para-queda, Mestre de Salto, da EsAO, Avançando de Infantaria, em Fort Benning - EUA, e da ECEME. Serviu no 5º BI, 27º BIPqdt, 47º BI e 28º BC. Exerceu as funções de instrutor da AMAN e da EsAO. Atualmente, serve no Cmdd da 15ª Bda Inf Mtz, tendo sido selecionado e designado para lecionar Português na Academia Militar de West Point, EUA.